

A close-up, high-angle shot of a woman's eye, looking slightly upwards and to the right. The eye is a striking blue-grey color with a dark pupil. The skin around the eye is a warm, golden-brown tone. The background is dark and out of focus.

Nómada



MUNDOS

S T E P H E N I E M E Y E R

PERGUNTA

*Corpo minha casa
meu cavalo meu sabujo
o que farei
quando caíres*

*Onde dormirei
Como montarei
O que caçarei*

*Onde irei
sem o meu corcel
todo ágil e veloz
Como saberei
se no bosque em frente
está o perigo ou o tesouro
Quando Corpo o meu cão
generoso e brilhante estiver morto*

*Como será
deitar-me no céu
sem porta ou telhado
e ver através do vento*

*com uma nuvem a cobrir-me
como irei ocultar-me?*

— May Swenson

Inserida

O Regenerador chamava-se Vade Águas Profundas.

Como era uma alma, a sua natureza levava-o a ser bom em tudo: era compassivo, paciente, honesto, cheio de virtudes e de amor. A ansiedade era uma emoção pouco comum nele.

A impaciência era ainda mais rara. Contudo, como Vade Águas Profundas vivia no interior de um corpo humano, por vezes a irritação era algo inevitável.

Enquanto se ouvia o zunido dos murmúrios dos estudantes de Regeneração no canto mais remoto da sala de operações, ele comprimia os lábios numa linha de tensão. A expressão parecia deslocada numa boca, frequentemente, mais dada a sorrisos.

Darren, o seu assistente habitual, reparou no trejeito e bateu-lhe no ombro, ao de leve.

– Vade, eles estão apenas curiosos – afirmou, num tom sereno.

– É difícil considerar uma inserção como uma operação interessante ou estimulante. Qualquer alma das ruas a poderia executar numa situação de emergência. Não vão aprender nada com o que estão a ver hoje. – Vade ficou surpreendido ao aperceber-se de uma nota agreste a distorcer-lhe a voz, que por norma era suave.

– É a primeira vez que vêem um humano adulto – insistiu Darren.

Vade arqueou a sobrancelha.

– Eles andam cegos para não verem a cara uns dos outros? Não têm espelhos?

– Tu sabes o que eu quero dizer... um humano selvagem. Ainda sem alma. Um dos rebeldes.

Vade olhou para o corpo inconsciente da rapariga, deitado de bruços na mesa de operações. O coração encheu-se de compaixão ao recordar o estado destroçado daquele pobre corpo, quando os Batedores o tinham trazido para a unidade de Regeneração. Tanta dor que ela tinha suportado...

Agora, é claro que estava perfeita – totalmente regenerada. Ele tinha tratado disso.

– Ela tem o mesmo aspecto de qualquer um de nós – murmurou para Darren. – Todos temos um rosto humano. E quando acordar, também será uma de nós.

– Para eles é apenas emocionante, nada mais.

– A alma que vamos implantar hoje merece mais respeito do que ter o corpo hospedeiro na mira destes olhares apatetados. Já vai ter de lidar com muita coisa, na fase de aclimação. Não é justo fazê-la passar por isto. – O isto não se referia aos olhares. Vade sentiu o tom agreste a regressar à sua voz.

Darren deu-lhe outra palmada leve no ombro.

– Vai correr tudo bem. A Batedora precisa de informação e...

A menção da palavra Batedora levou Vade a fitar Darren com um olhar que só podia ser de fúria. Este pestanejou, surpreendido.

– Perdão – desculpou-se Vade de imediato. – Não queria reagir de uma forma tão negativa. Só que estou apreensivo em relação a esta alma.

Incidu o olhar no criocontentor e no seu suporte ao lado da mesa. A luz vermelha mantinha-se fixa e mortíça, indicando que o recipiente estava ocupado e em modo de hibernação.

– Esta alma foi expressamente seleccionada para esta missão – disse Darren, em tom suave. – É uma excepção entre a nossa raça; mais corajosa que a maioria. A vida dela fala por si. Acho que se teria oferecido, caso tivesse sido possível colocar-lhe a questão.

– Entre nós, quem é que não se ofereceria para fazer algo pelo bem comum? Será realmente este o caso? O bem comum ganhará com isto? A questão não está no voluntarismo dela, mas no que é justo pedir a uma alma que aguente.

Os estudantes de Regeneração também faziam os seus comentários sobre a alma em hibernação. Vade conseguia ouvir distintamente os murmúrios; as vozes elevavam-se agora, cada vez mais sonoras perante o entusiasmo.

– Ela viveu em seis planetas.

– Ouvi falar em sete.

– Disseram-me que nunca repetiu a mesma espécie de hospedeiro.

– Isso é possível?

– Já foi quase tudo. Uma Flor, um Urso, uma Aranha...

– Uma Alga, um Morcego...

– Até um Dragão!

– Não acredito nisso. Em sete planetas, não.

– Pelo menos em sete. Ela começou pela Origem...

– A sério? A Origem?

– Silêncio, por favor! – interrompeu Vade. – Se não forem capazes de assistir de forma profissional e em silêncio, terei de lhes pedir que se retirem.

Os seis estudantes calaram-se, atrapalhados, afastando-se cautelosamente uns dos outros.

– Vamos avançar com isto, Darren.

Estava tudo a postos. Os medicamentos necessários encontravam-se ao lado da jovem humana. O cabelo dela, longo e escuro, permanecia oculto sob uma touca cirúrgica, deixando à mostra o pescoço delgado. Na pele, bronzeada pelo Sol, mal se

conseguia ver uma marca que desse conta do seu... acidente.

– Inicia agora a sequência da descongelação, Darren, por favor.

O assistente de cabelo grisalho aguardava já ao lado do criocontendor, mantendo a mão pousada no mostrador. Abriu o fecho de segurança com um toque brusco e rodou o manípulo para baixo. No cimo do pequeno cilindro cinzento, a luz vermelha começou a piscar, vibrando cada vez mais depressa e mudando de cor à medida que os segundos passavam.

Vade concentrou-se no corpo inconsciente; foi cortando a pele, com o bisturi, na base do crânio da paciente, em movimentos pequenos e precisos, borrifando a seguir com a solução para deter o excesso do fluxo sanguíneo, antes de alargar a fissura. Depois, furou com delicadeza por debaixo dos músculos do pescoço, tendo o cuidado de não lhes causar lesões, deixando à vista os ossos pálidos, ao cimo da coluna vertebral.

– A alma está pronta, Vade – informou Darren.

– Eu também. Podes trazê-la.

O Regenerador sentiu Darren junto ao seu cotovelo e soube, sem olhar, que o assistente estava preparado, de mão estendida e a aguardar; já eram longos os anos em que trabalhavam juntos. Vade manteve a fissura aberta.

– Envia-a para casa – pediu num murmúrio.

A mão de Darren surgiu no seu círculo de visão, com o fulgor prateado de uma alma a despertar, na cova da palma.

Vade nunca observava uma alma exposta sem ficar sensibilizado com a sua beleza.

A alma cintilava em luzes brilhantes no bloco operatório, mais luminosa que o reflexo do instrumento prateado que ele empunhava. Retorcia-se e ondulava, como uma faixa dotada de vida, alongando-se, feliz por se libertar do criocontendor. Os seus filamentos delgados, plumosos,

quase um milhar, ondeavam delicadamente, como cabelos claros prateados. Embora todas fossem encantadoras, esta parecia especialmente graciosa a Vade Águas Profundas.

Todavia não era apenas ele a ter aquela sensação. Sentiu o pequeno suspiro de Darren e ouviu os murmúrios de admiração dos estudantes.

Darren depositou, delicadamente, a pequena criatura que reluzia no interior da cavidade feita por Vade, no pescoço da humana. A alma deslizou com suavidade para o espaço que lhe era oferecido, avançando a serpentear para o interior daquele corpo estranho. Vade admirou a destreza com que ela se apossava da nova casa. Os filamentos enroscavam-se firmemente onde deviam, em torno dos centros nervosos, e alguns alongavam-se para alcançar pontos que ele não conseguia ver, mais profundos, subindo até ao cérebro, aos nervos ópticos e aos canais auditivos. Era muito rápida e muito segura nos seus movimentos. De súbito, ficara apenas visível uma pequena extensão do seu corpo resplandecente.

– Muito bem – murmurou-lhe, sabendo que não seria ouvido. A rapariga humana é que tinha ouvidos e ainda dormia profundamente.

A conclusão do trabalho era uma questão de rotina. Vade limpou e tratou a ferida, aplicou o unguento que manteria selado o fecho da incisão atrás da alma, espalhando em seguida o pó para amaciar a cicatriz, de um lado ao outro da linha, localizada à esquerda do pescoço.

– Perfeito, como sempre – comentou o assistente que, por qualquer razão insondável para Vade, nunca alterara o nome do seu hospedeiro humano, Darren.

Vade suspirou.

– Lamento o trabalho deste dia.

– Estás apenas a cumprir o teu dever de Regenerador.

– É uma das raras ocasiões em que a Regeneração exerce um dano.

Darren começou a limpar a bancada de trabalho. Não parecia saber que resposta haveria de dar. Vade estava a cumprir o seu Chamamento. Para Darren, isso bastava.

Mas não para Vade Águas Profundas, que era um verdadeiro Regenerador em cada fibra do seu ser. Fitava, com ansiedade, o corpo humano feminino, tranquilo no seu sono, sabendo que aquela serenidade seria destruída assim que ela acordasse. Todo o horror da morte desta jovem mulher seria suportado pela alma inocente que ele acabava de colocar no seu interior

Ao debruçar-se sobre a humana e ao sussurrar-lhe ao ouvido, Vade desejou ardentemente que a alma, já no interior, o pudesse escutar.

– Boa sorte, pequena nómada, boa sorte. Como gostaria que não precisasses dela.

Recordada

Sabia que iria começar com o fim e que, perante estes olhos, o fim iria ser parecido com a morte. Tinha sido avisada.

Não perante estes olhos. Os meus olhos. Os meus. Agora esta era eu.

A linguagem que dei por mim a usar era esquisita, mas fazia sentido. Encrespada, romba, cega e linear. Com uma paralisia extrema, comparativamente com muitas que usei, mas ainda assim conseguindo uma fluidez e expressividade. Por vezes, beleza. A minha linguagem actual. A minha língua nativa.

Com o instinto mais genuíno da minha espécie, liguei-me firmemente ao centro de pensamento do corpo, uni-me de forma inelutável a cada um dos seus fôlegos e reflexos, até ele deixar de ser uma entidade separada. Ele era eu.

Não o corpo, mas o meu corpo.

Senti o efeito do sedativo a dissipar-se e a lucidez a instalar-se. Preparei-me para a investida da primeira memória, a qual, na verdade, seria a última – os últimos momentos vividos por este corpo, a memória do fim. Tinham-me avisado vezes sem conta do que ia acontecer neste momento. As emoções humanas seriam mais fortes, mais vitais que os sentimentos de qualquer outra espécie que tivesse sido. Tentara preparar-me.

A memória regressou. E, tal como fora avisada, não se tratava de algo para o qual houvesse preparação possível.

Ela abrasava com uma cor agreste e um som vibrante. O frio

atacava-lhe a pele. A dor tolhia-lhe os membros, queimando-os. Na boca sentia um sabor ferozmente metálico. E havia um novo sentido, o quinto sentido que eu nunca tinha experimentado, que extraía as partículas do ar e as transformava em mensagens, prazeres e avisos estranhos no seu cérebro – fragrâncias. Para mim eram perturbadoras, confusas; mas não o eram para a sua memória. Esta não dispunha de tempo para as novidades do cheiro. Ela era apenas medo.

O medo encerrava-a num torno, espicaçando-lhe os membros constrangidos e pesados, embora os tolhesse em simultâneo. Fugir, correr – era tudo o que poderia fazer.

Eu falhei.

A memória, que não me pertencia, era tão assustadoramente forte e nítida que dilacerava o meu controlo – aniquilava a distância, a percepção de que se tratava apenas de uma memória e não de mim. Sugada para o inferno, que era o último minuto da sua vida, eu era ela e ambas fugíamos.

Está tão escuro, que não consigo ver o chão. Não distingo as minhas mãos, que estendo à minha frente. Corro às cegas, tentando sentir a perseguição atrás de mim, mas o coração pulsa com tanta força nos meus ouvidos, que tudo o resto fica abafado.

Está frio. Agora já não deveria importar, mas isso faz-me sofrer. Sinto tanto frio.

No nariz dela, o ar era desagradável. Ruim. Um cheiro ruim. Por um segundo, esse desconforto arrancou-me da memória, libertando-me. Mas foi só um segundo, até eu ser arrastada de novo e os meus olhos se encherem de lágrimas de horror.

Estou perdida, estamos perdidos. Acabou.

Agora, eles estão mesmo atrás de mim, ruidosos e próximos. Tantos passos! Estou sozinha. Falhei.

Os Batedores chamam por mim. O meu estômago contrai-se ao som das suas vozes. Vou ficar agoniada.

– Está tudo bem, está tudo bem – diz-me um a mentir, tentando acalmar-me e fazer-me abrandar. O esforço que faz ao respirar distorce-lhe a voz.

– Tem cuidado! – grita outro, em tom de aviso.

– Não te magoes – suplica ainda outro. Uma voz grave, cheia de inquietação.

Inquietação!

O calor disparou pelas minhas veias, enquanto um ódio violento quase me sufocava.

Nunca tinha sentido uma emoção assim em todas as minhas vidas. Durante mais um segundo, a minha convulsão impeliu-me para fora da memória. Um pranto agudo e profundo feriu-me os ouvidos e latejou na minha cabeça. O som arranhava-me os canais respiratórios. Sentia uma dor ténue na garganta.

“*A gritar*”, explicava o meu corpo. “Estás a *gritar*.”

O choque gelou-me e o som interrompeu-se abruptamente. Isto não era uma memória.

O meu corpo – ela estava a *pensar! A falar* comigo!

Só que, nesse momento, a memória era mais forte que o meu assombro.

– Por favor! – gritam eles. – Há um perigo ali à frente!

“O perigo vem de trás!” respondo a gritar, em pensamento. Mas compreendo o que eles querem dizer. Um fio de luz ténue, vindo sabe-se lá de onde, cintila ao fundo do corredor. Não se trata da parede lisa ou da porta trancada, o fim do caminho que temia e aguardava. É um buraco negro.

O poço de um elevador. Abandonado, vazio e condenado, tal como este edifício. Outrora um refúgio, agora um túmulo.

Uma onda de alívio invade-me, enquanto corro em frente. Há um caminho. Não para sobreviver, mas talvez um caminho para vencer.

“Não, não, não!” Este pensamento era todo meu e eu debati-me para me impelir para longe dela, mas estávamos juntas. E lançámo-nos numa corrida para a morte.

– Por favor! – Os gritos crescem de desespero.

Apetece-me rir, quando me apercebo que possuo a velocidade suficiente. Imagino as mãos deles, a centímetros das minhas costas, a tentar arrebatá-lo-me. Mas sou tão rápida quanto preciso de o ser. Nem chego a parar, quando o chão termina. O buraco ergue-se e vem ao meu encontro, a meio da minha passada.

O vazio engole-me. As pernas agitam-se, inúteis. As mãos engalfinham-se no ar e arrepanham-no como garras, em busca de algo sólido. O sopro do frio trespassa-me como um tornado.

Ouçó o baque antes de o sentir... o vento desaparece...

E, então, há dor em toda a parte... tudo é dor.

Acabem com ela.

“Não era bastante alto”, murmuro para mim, em pleno sofrimento.

Quando irá a dor acabar? Quando?...

A escuridão absorveu a agonia e fiquei sem forças, mas com alívio e gratidão por a memória ter chegado a este que era o mais derradeiro dos fins. A escuridão tudo levou e eu fiquei livre. Inspirei uma lufada de ar para readquirir firmeza, conforme era habitual neste corpo. O meu corpo.

Foi então que a cor retrocedeu bruscamente, a memória ressurgiu e voltou a engolir-me.

“Não!” exclamei em pânico, temendo o frio e a dor, bem como o próprio medo.

Todavia, esta não era a mesma memória. Era uma memória no interior de uma outra – uma memória final, como um último fôlego –, de certa forma ainda mais forte que a primeira.

A escuridão tudo levou, menos isto: um rosto.

O rosto era tão estranho para mim como os tentáculos sinuosos e despersonalizados do meu último corpo hospedeiro o seriam para o novo corpo. Tinha observado este tipo de rostos nas imagens que me foram mostradas, quando me preparava para este mundo. Era difícil distingui-los, reparar nas diferenças mínimas de cor e de forma, que constituíam os únicos indicadores do indivíduo. Tão idênticos, todos eles. Os narizes centrados no meio da esfera, os olhos em cima e as bocas em baixo, as orelhas em cada um dos lados. Uma colecção de sentidos, todos, à excepção do tacto, concentrados num único lugar. Pele sobre os ossos, cabelo a crescer a partir do cimo e umas linhas de pêlo estranhas por cima dos olhos. Alguns têm ainda pêlo mais abaixo, no queixo; esses são sempre machos. As cores variam no tom do castanho, desde o creme-claro até um muito escuro, quase preto. Além disso, como distingui-los?

Este rosto, tê-lo-ia conhecido entre milhões.

A face era um rectângulo bem definido, com uns ossos vigorosos sob a pele. Quanto à cor, era de um leve castanho-dourado. O cabelo tinha escassas gradações mais escuras que a pele, exceptuando os pontos iluminados por madeixas loiras, cor-de-linho, e cobria-lhe apenas a cabeça e as linhas de pêlo estranhas que tinha sobre os olhos. Nas órbitas brancas, as íris circulares eram mais escuras que o cabelo mas, tal com este, estriadas de luz. Havia pequenas linhas em redor dos olhos e as memórias dela diziam-me que teriam sido causadas pelos sorrisos e pelo franzir dos olhos à luz do Sol.

Nada sabia acerca do que significava a beleza para estes desconhecidos; contudo, sabia que este rosto era belo. Queria continuar a olhá-lo. Assim que o compreendi, ele desapareceu.

“Meu”, disse o pensamento da estranha, o qual não deveria existir.

Fiquei de novo gelada, aturdida. Não deveria existir aqui mais ninguém senão eu. No entanto, este pensamento era muito forte e consciente!

Impossível. Como é que ela ainda estava aqui? Esta agora era eu.

“Meu”, retorqui, em tom de reprimenda, com o poder e a autoridade que apenas a mim me pertenciam, a pairar na palavra. “Tudo é meu.”

“Então porque lhe estou a responder?”, perguntei a mim própria, enquanto as vozes interceptavam os meus pensamentos.

Espiada

Eram vozes em surdina, próximas e, embora só agora desse conta delas, pareciam provir de um diálogo de murmúrios.

– Receio que seja demasiado para ela – dizia uma delas. Era uma voz suave, mas grave e masculina. – Demasiado para qualquer pessoa. Que violência! – O tom era de profunda aversão.

– Ela só gritou uma vez – afirmava uma voz feminina, alta e aguda, salientando o facto com uma pontada de júbilo, como se vencesse uma contenda.

– Eu sei – admitiu o homem. – Ela é muito forte. Outros têm sofrido muito mais traumatismos, com base em causas bem menores.

– Tenho a certeza de que ficará bem, conforme te disse.

– Se calhar falhaste no teu Chamamento. – Havia uma entoação particular na voz do homem. Sarcasmo, chamou-lhe a minha memória. – Talvez devesse ter sido um Regenerador como eu.

A mulher soltou um som de divertimento. Riso.

– Duvido. Nós, os Batedores, preferimos outro tipo de diagnósticos.

O meu corpo conhecia esta palavra, este estatuto: *Batedor*. Senti um calafrio de medo na coluna. Uma reacção ditada

pelo passado. Claro que eu não tinha motivos para temer os Batedores.

– Por vezes pergunto a mim próprio se o contágio da Humanidade não afectou a vossa acção – observou o homem, com a voz ainda azeda de hostilidade. – A violência faz parte da vossa escolha de vida. Será que subsiste o suficiente da personalidade inicial do vosso corpo para retirarem prazer do horror?

Fiquei admirada com a acusação dele e com o tom da sua voz. Aquela discussão parecia quase... uma altercação. Algo familiar à minha hospedeira, mas que eu nunca tinha vivido.

A mulher estava na defensiva.

– Nós não optamos pela violência. Enfrentamo-la quando somos obrigados a isso. E é bom para vós que alguns de nós disponham das forças suficientes para o que é desagradável. Sem o nosso trabalho, a vossa paz seria aniquilada.

– Histórias... Dentro de pouco tempo, a vossa profissão ficará obsoleta, penso eu.

– O erro dessa afirmação jaz ali, naquela cama.

– Uma jovem humana, sozinha e desarmada! Sim, sem dúvida, uma ameaça à nossa paz.

A mulher respirou intensamente. Um suspiro.

– Mas de onde é que ela veio? Como apareceu em plena Chicago, uma cidade civilizada desde há muito, a centenas de quilómetros de qualquer vestígio da actividade rebelde? Conseguiu fazê-lo sozinha?

Colocava as questões, aparentemente sem procurar uma resposta, como se as tivesse pronunciado inúmeras vezes.

– Esse problema é da tua conta e não da minha – declarou o homem. – A minha missão é ajudar esta alma a adaptar-se à sua nova hospedeira, sem sofrimentos ou traumas desnecessários. E tu estás aqui a interferir com o meu trabalho.

Ainda a flutuar, a aclimatar-me lentamente a este novo

mundo de sensações, agora compreendia ser eu o objecto do diálogo. Era eu a alma de quem eles falavam. Tratava-se de uma nova conotação para a palavra, que tinha significado muitas outras coisas para a minha hospedeira. Adoptávamos um nome diferente em cada planeta. *Alma*. Julgo ser uma descrição apropriada. Uma força invisível que guia o corpo.

– As respostas às minhas questões são tão importantes quanto as tuas responsabilidades em relação à alma.

– Isso é discutível.

Apercebi-me de sons de movimento e, de súbito, a voz da mulher transformou-se num murmúrio.

– Quando é que ela irá reagir? O efeito do sedativo deve estar quase a passar.

– Quando estiver preparada. Deixa-a estar. Ela merece lidar com a situação da forma que lhe for mais benéfica. Imagina o choque do seu despertar; no interior de uma hospedeira rebelde, ferida de morte quando tentava escapar! Em tempos de paz não devia haver alguém que tivesse de passar por um trauma deste género! – A voz dele elevou-se, reflectindo a emoção a intensificar-se.

– Ela é resistente. – A mulher usava agora um tom tranquilizador. – Repara como reagiu bem à primeira memória, a pior de todas. Conseguiu resistir, independentemente daquilo com que contava.

– Porque tinha de ser assim? – resmungou o homem entre dentes, embora não parecesse esperar uma resposta.

Mesmo assim, a mulher acrescentou.

– Para obtermos a informação de que precisamos...

– A palavra *precisar* é da tua lavra. Eu diria *querer*.

– Então tem de haver alguém que trate do que é menos agradável – prosseguiu ela, como se não tivesse sido interrompida. – E, de tudo o que sei sobre esta humana, acho que teria aceitado o desafio, caso houvesse forma de lhe perguntar. Que nome lhe puseste?

O homem permaneceu em silêncio por um longo momento. A mulher aguardava.

– Nómada – acabou ele por dizer, de má vontade.

– É apropriado – comentou ela. – Não disponho de qualquer estatística oficial, mas ela foi um dos poucos, se não o único, que vagueou até tão longe. Sim, *Nómada* fica-lhe bem, até ela escolher um outro nome.

Ele ficou calado.

– Claro que ela pode adoptar o nome da hospedeira... Nos registos não encontramos qualquer associação relativa a impressões digitais ou a imagens de retina. Não posso dizer-te que nome teria.

– Ela não vai ficar com o nome da humana – resmungou o homem.

A mulher respondeu de uma forma conciliadora.

– Cada um atinge o bem-estar à sua maneira.

– Esta Nómada precisa de mais bem-estar do que a maioria, graças ao vosso estilo de operações.

Seguiram-se sons agudos, passos, ritmados em *staccato*, contra um chão duro. Quando a mulher voltou a falar, a voz projectou-se do lado oposto da sala, em direcção ao homem.

– Deves ter reagido mal aos primeiros dias desta ocupação.

– Talvez tu reajas mal à paz.

A mulher soltou uma gargalhada, que todavia soou a falso – não havia ali um divertimento real. A minha mente parecia bem preparada para inferir o verdadeiro significado dos tons e inflexões.

– Não tens uma percepção clara do que abrange o meu Chamamento. Longas horas debruçada sobre ficheiros e mapas. Trabalho de secretaria, principalmente. Não são muito frequentes os conflitos ou a violência que parece atribuir-lhe.

– Há dez dias, andavas acompanhada de armas mortais para abater este corpo.

– Foi uma exceção, garanto-te, e não a regra. Não te esqueças de que as armas que desprezas se voltam contra a nossa espécie, quando nós, os Batedores, não estamos devidamente vigilantes. Os Humanos ficam felizes em matar-nos sempre que o podem fazer. Entretanto, aqueles cujas vidas foram afectadas pelas hostilidades vêem-nos como heróis.

– Estás a falar como se proliferasse uma guerra.

– E tal verificasse, para o que restou da raça humana.

Estas palavras soaram com força nos meus ouvidos. O meu corpo reagiu a elas; senti a respiração a acelerar, escutei o ruído do coração a pulsar com uma sonoridade fora do habitual. Ao lado da cama onde estava deitada, uma máquina registou a aceleração com um bip surdo. O Regenerador e a Batedora estavam demasiado concentrados na discussão para se aperceberem.

– Só que é uma guerra que eles têm de reconhecer que está perdida há muito. Nós excedemo-los por quanto? Um milhão para um? Pensava que sabias.

– Temos a noção de que existe uma vantagem bastante razoável a nosso favor – reconheceu ela de má vontade.

Aquela informação pareceu bastar ao Regenerador para deixar em repouso a sua quota-parte da discussão. Permaneceu calado por momentos.

Aproveitei o interregno para avaliar a minha situação. Havia muita coisa que era óbvia.

Encontrava-me numa unidade de Regeneração, a recuperar de uma inserção anormalmente traumática. Estava certa de que o corpo que me acolhia tinha sido regenerado em toda a sua extensão, antes de me ser confiado. Um hospedeiro em más condições teria sido liquidado.

Reflecti sobre as opiniões antagónicas do Regenerador e da Batedora. De acordo com a informação que me tinha sido fornecida, antes de optar por vir para aqui, a razão caía ao Regenerador. As hostilidades com as escassas bolsas

de Humanos estavam quase terminadas. O planeta chamado Terra era pacífico e sereno como quando visto do espaço, acolhedoramente verde e azul, e envolvido por vapores brancos e inocentes. Agora, tal como o caminho da alma, a harmonia era universal.

A luta verbal entre o Regenerador e a Batedora era algo dissonante. Estranhamente agressiva para a nossa espécie. Aquilo levava-me a reflectir. Seriam verdadeiros os rumores enunciados pela calada, que ondulavam como vagas através dos pensamentos da... da...

Distraí-me ao tentar descobrir o nome da espécie da minha última hospedeira. Tínhamos um nome, isso sabia. Contudo, ao deixar de estar ligada a essa hospedeira, não conseguia recordá-lo. A linguagem que usávamos era muito mais simples: uma linguagem silenciosa de pensamentos, que nos interligava numa grande mente. Uma conveniência necessária a quem tem raízes eternas, na terra húmida e escura.

Na minha nova linguagem humana conseguia descrever essa espécie. Vivíamos no fundo do grande oceano que cobria a superfície do nosso mundo – que também possuía um nome e tinha igualmente desaparecido. Tínhamos uma centena de braços, com mil olhos em cada um para que, através da associação dos nossos pensamentos, não houvesse qualquer vista do mar que nos passasse despercebida. Não havia necessidade de som, pelo que não existia uma forma de o ouvir. Provávamos as águas e, com a nossa visão, era-nos revelado tudo quanto precisávamos de saber. Provávamos o Sol, muitas léguas acima da água, e transformávamos esse sabor na comida de que precisávamos.

Podia fazer uma descrição de todas nós, mas não saberia como nos chamar. Suspirei pelo conhecimento perdido e, depois, foquei o meu pensamento no que tinha escutado ao acaso.

As Almas tinham como princípio dizer somente a verdade.

Os Batedores, é óbvio, tinham as exigências do seu Chamamento, mas entre as Almas jamais existia qualquer motivo para mentir. Mesmo que o quiséssemos, teria sido impossível mentir na linguagem mental da minha última espécie. Contudo, ancoradas como estávamos, contávamos histórias umas às outras no sentido de aliviar o nosso tédio. A narração de histórias era o talento mais venerado, tratando-se de algo benéfico para todas.

Por vezes, os factos misturavam-se de tal modo com a ficção que, embora não se contassem mentiras, tornava-se difícil recordar o que era somente real.

Quando pensávamos no novo planeta – a Terra, tão seca e diversificada, super povoada de habitantes violentos e destrutivos que mal os conseguíamos imaginar –, por vezes, a excitação eclipsava o nosso horror. As histórias eram desafiadas a toda a velocidade em redor desse tema tão emocionante. As guerras – guerras! a nossa espécie a ter de lutar! – começavam por ser narradas com rigor e a, seguir, enfeitadas e ficcionadas. Quando entravam em conflito com a informação oficial que eu procurava, era natural que acreditasse nos primeiros relatos.

No entanto, falava-se em surdina do seguinte: hospedeiros Humanos tão poderosos que as Almas eram obrigadas a abandoná-los. Hospedeiros com mentes que não se conseguiam extinguir por completo. Almas que adoptavam a personalidade do corpo, em vez do contrário. Histórias. Boatos descontrolados. Loucura.

Mas esse cenário quase parecia ser o que o Regenerador denunciara...

Pus o pensamento de lado. O sentido mais provável da crítica dele era a aversão que a maioria de nós nutria pelo Chamamento dos Batedores. Quem iria escolher uma vida de conflitos e de perseguições? Quem se sentiria atraído pela tarefa de andar no encalço de hospedeiros involuntários e de os capturar?

Quem teria estômago para enfrentar a violência daquela espécie particular, os Humanos hostis que matavam de forma tão fácil e irreflectida? Aqui, neste planeta e na prática, os Batedores passaram a ser uma... milícia – o meu novo cérebro fornecia o termo para o conceito desconhecido. A maioria acreditava que apenas as Almas menos civilizadas, as menos evoluídas, as mais inferiores, se sentiam atraídas para a senda dos Batedores.

Mesmo assim, estes tinham conquistado um novo estatuto na Terra. Nunca como antes uma ocupação se tornara tão problemática. Nunca como antes ela tinha dado lugar a uma batalha feroz e sanguinária. Nunca como antes se tinham sacrificado as vidas de tantas Almas. Os Batedores erguiam-se como um escudo poderoso e as Almas deste mundo mostravam-se-lhes triplamente gratas: pela segurança que tinham estabelecido a partir do caos, pelo risco da morte final que eles aceitavam voluntariamente, dia após dia, e pelos novos corpos que continuavam a disponibilizar.

Agora que o perigo já quase tinha passado, parecia que a gratidão começava a dissipar-se. E, pelo menos para esta Batedora, a mudança não era algo agradável.

Era fácil imaginar a questão que ela me iria colocar. Embora o Regenerador estivesse a tentar ganhar tempo para eu me adaptar ao novo corpo, sabia que ele iria fazer o que pudesse para ajudar a Batedora. A boa cidadania era algo essencial a todas as Almas.

Por isso, inspirei fundo a fim de me preparar. O monitor registou o movimento. Sabia que estava a tentar ganhar algum tempo. Detestava admiti-lo, mas sentia medo. Para obter a informação de que a Batedora precisava, teria de explorar as memórias violentas que me tinham feito gritar de horror. Mais do que isso, temia a voz que ouvira na minha cabeça com tanta nitidez. Mas agora ela estava silenciosa, tal como deveria ser. Era também uma memória.

Não devia sentir medo. Ao fim e ao cabo, neste momento chamava-me Nómada. E merecera ser chamada assim.

Inspirei de novo profundamente e vasculhei o interior das memórias que me tinham atemorizado, encarando-as de frente, de dentes cerrados.

Consegui passar por cima do fim – desta vez ele não me dominou. Avançando a alta velocidade, corri de novo através da escuridão, retraindo-me, na tentativa de não sentir. Rapidamente tudo terminara.

Uma vez ultrapassada aquela barreira, não era difícil flutuar entre coisas e lugares menos assustadores, passando ligeiramente o olhar pela informação desejada. Vi como ela tinha chegado a esta cidade gelada, à noite, num carro roubado e escolhido devido ao seu aspecto indistinto. Caminhara pelas ruas de Chicago, em plena escuridão, a tiritar debaixo do casaco.

Ela fazia a sua própria busca. Havia aqui outros como ela, ou assim o esperava. Um em particular. Uma amiga... não, um familiar. Não uma irmã... uma prima.

As palavras vinham cada vez mais devagar e, no início, não compreendi porquê. Isso teria sido esquecido? Perdido no meio do trauma de uma quase morte? Eu continuava tolhida pela perda dos sentidos? O meu corpo estaria ainda sob o efeito do sedativo? Sentia-me bastante consciente, mas a minha mente lutava, sem sucesso, pelas respostas que desejava.

Tentei pesquisar outra via, na esperança de obter respostas mais claras. Qual era o objectivo dela? Iria encontrar... Sharon – fisguei-lhe o nome – e elas iam...

Bati numa parede.

Era um vazio, um nada. Tentei contorná-lo, mas não conseguia encontrar os limites do vácuo. Como se a informação que procurava tivesse sido apagada.

Como se este cérebro estivesse danificado.

Fui acometida de um acesso de fúria, ardente e descontrolado. Tive um sobressalto de surpresa, face a tal reacção inesperada. Ouvira falar da instabilidade emocional destes corpos humanos, mas isto ia além do que conseguia prever. Em oito vidas completas, nunca uma emoção me tinha afectado com tamanha força.

Ao lado, as máquinas reflectiram a aceleração da minha pulsação. Houve uma reacção na sala: o matraquear pontiagudo dos sapatos da Batedora aproximou-se de mim, misturado com passos mais silenciosos que pertenceriam ao Regenerador.

– Bem-vinda à Terra, Nómada – disse a voz feminina.

“Stephenie Meyer é um fenômeno surpreendente – do esplendor da mente da autora nasce a escuridão deslumbrante das suas histórias. Stephenie Meyer impregna as suas narrativas de luz e de esperança, qualquer que seja o grau de sofrimento vivido pelas personagens.”

ORSON SCOTT CARD, AUTOR DE ENDER SAGA

“Um romance fantástico, imaginativo, profundo e intenso. NÓMADA deveria ser publicado com a seguinte advertência: este livro irá mantê-lo na expectativa e prolongar-lhe-á a leitura pela noite dentro, levando-o a reflectir de forma intensa e inquietante, muito além da última palavra. Stephenie Meyer domina as personagens e conduz o fio da narrativa com mestria – uma combinação híbrida de Stephen King e Isaac Asimov.”

RIDLEY PEARSON, AUTOR DE KILLER WEEKEND

“Um thriller psicológico arrebatador, fascinante e único. Em NÓMADA, Stephenie Meyer confere um significado novo e surpreendente à expressão ‘um ser de duas mentes’!”

KATHERINE NEVILLE, AUTORA DE O OITO

EDIÇÕES GAILIVRO

ISBN 978-989-557-577-0



9 789895 575770